

A educação popular como estratégia de enfrentamento do negacionismo científico na formação inicial de profissionais de saúde

Mônica Marxsen de Aguiar Rocha Coutinho¹, Carolina Nascimento Spiegel², Ana Paula Massadar Morel³

Resumo

A educação popular é uma potência contra os negacionismos, pois possibilita retomar a capacidade de escuta, fortalecer as redes de apoio social e favorecer o diálogo. Este artigo objetiva apresentar uma pesquisa participante desenvolvida a partir de uma oficina, com estudos de caso, a qual foi aplicada em uma disciplina da Universidade Federal Fluminense (UFF) com educandos dos cursos de Biomedicina e Nutrição. As ações se basearam na educação popular em saúde e promoveram discussões acerca de como enfrentar o negacionismo científico. Os estudos de caso estão articulados a um projeto de extensão da UFF, que atua com educação popular em saúde no Morro da Providência. A pesquisa tem abordagem qualitativa e os resultados foram analisados pela análise de conteúdo de Bardin. A discussão acerca do negacionismo foi extensa, e, apesar de muitos declararem ser impossível promover o diálogo, destacaram ações pautadas na afetividade e na comunicação. Concluiu-se que as atividades abriram caminho para uma construção dialógica do conhecimento, porém, os educandos apresentaram dificuldades na promoção do diálogo, sendo essa discussão realmente desafiadora. Pretendeu-se contribuir para a formação desses profissionais, aproximando-os da educação popular, de forma a despertar uma maior consciência crítica a respeito do negacionismo científico e da importância de se ter como princípio profissional a saúde popular.

Palavras-chave

Educação Popular. Formação inicial. Extensão universitária. Pandemia de Covid-19. Negacionismo.

¹Mestre em Ensino em Biociências e Saúde pelo do Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, Brasil; analista em Educação Profissional em Saúde no Laboratório de Educação Profissional em Atenção à Saúde (Laborat) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz); professora de Biologia no Pré-ENEM Popular Iara Iavelberg. E-mail: monicamarxsen14@gmail.com.

² Doutora em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, Brasil; professora titular da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: carolinaspiegel@id.uff.br

³ Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil; professora adjunta da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: anamoreloemail@gmail.com

Popular Education as a strategy to face scientific denialism in the initial training of health professionals

Mônica Marxsen de Aguiar Rocha Coutinho⁴, Carolina Nascimento Spiegel⁵, Ana Paula Massadar Morel⁶

Abstract

Popular education is a power against denialism, as it makes it possible to resume listening skills, strengthen social support networks, and favor dialogue. This article aims to present a participant research developed from a workshop with case studies, which was applied in a course at Universidade Federal Fluminense (UFF) with students of Biomedicine and Nutrition courses. The actions were based on popular health education, and promoted discussions on how to face scientific denialism. The case studies are articulated with a UFF extension project, which works with popular health education in Morro da Providência. The research has a qualitative approach, and the results were analyzed using Bardin's content analysis. The discussion about denialism was extensive, and although many declared it impossible to promote dialogue, they highlighted actions based on affection and communication. It was concluded that the activities paved the way for a dialogical construction of knowledge, but the students had difficulties in promoting dialogue, and this discussion was really challenging. It was intended to contribute to the training of these professionals, bringing them closer to popular education, in order to awaken a greater critical awareness of scientific denialism and the importance of having popular health as a professional principle.

Keywords

Popular Education. Initial formation. University Extension. Covid-19 pandemic. Denialism.

⁴Master degree in Teaching in Biosciences and Health at Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, Brazil; biology teacher at Pre-ENEM Popular Iara Iavelberg, Rio de Janeiro, Brazil; Maricá Department of Education, Rio de Janeiro, researches the Natural Heritage of the municipality to develop practical activities with teachers and students of basic education. E-mail: monicamarxsen@id.uff.br.

⁵PhD in Cellular and Molecular Biology from the Oswaldo Cruz Institute (Fiocruz), Rio de Janeiro, Brazil; professor at the Fluminense Federal University, Rio de Janeiro, Brazil. Email: carolinaspiegel@id.uff.br.

⁶PhD in Social Anthropology at the National Museum at the Federal University of Rio de Janeiro, Brazil; associate professor at the Fluminense Federal University, Rio de Janeiro, Brazil. E-mail: anamoreloemail@gmail.com.

Introdução

A *práxis* realizada na educação popular mostrou-se um caminho potente para o enfrentamento do negacionismo e da pandemia de Covid-19, pois possibilitou retomar a capacidade de escuta, fortalecer as redes de apoio social, favorecer os diálogos e as conexões entre os conhecimentos científicos e os conhecimentos populares. Retomando e atualizando um legado de reflexões e lutas de movimentos sociais e coletivos no Brasil e na América Latina, a educação popular mostrou-se relevante, já que – a despeito dos discursos que afirmavam que a Covid-19 seria uma doença “democrática”, pois atingiria igualmente toda a população – é possível observar como as classes populares foram afetadas de maneira muito mais grave (Morel, 2021a). Esse fenômeno foi agravado pelo crescimento do negacionismo científico, que impactou de forma diferenciada as diversas classes sociais. Assim, diante das crises econômica, ecológica, sanitária e política enfrentadas especialmente no Brasil, surgiram iniciativas protagonizadas por movimentos sociais e coletivos comunitários que tinham o objetivo de enfrentar o agravamento da pandemia nos mais distintos territórios (Oliveira, 2020).

Além disso, a pandemia evidenciou a necessidade de inserção dos educandos em formação inicial na área da saúde em espaços de prática e reflexão, em que eles poderiam ter contato com atividades que extrapolam a formação puramente técnica e dialogam com a realidade (Rios; Caputo, 2019). Assim, é possível auxiliar na formação deles por meio da promoção de atividades práticas que abordem questões que já estão presentes no seu dia a dia e que podem impactar em sua futura prática profissional, como as questões negacionistas. Desse modo, é importante desenvolver na formação inicial uma educação transformadora, pautada na educação popular proposta por Freire (1987), que se proponha a transformar a realidade das classes populares, e não a reproduzir atos opressores.

Diante disso, este artigo busca discutir os resultados de uma pesquisa participante, desenvolvida com educandos da área da saúde da Universidade Federal Fluminense (UFF). Foram utilizados estudos de caso para que os educandos pudessem refletir sobre ações de intervenção com negacionistas. A pesquisa foi realizada em articulação a outra pesquisa participante vinculada a um projeto de extensão popular da UFF, no Morro da Providência. A extensão popular é definida por Cruz *et al.* (2021) como uma concepção de pensar, de fazer e de pautar a extensão universitária de forma coerente aos princípios teórico-metodológicos da educação popular. Assim, foram propostas reflexões acerca da educação popular e do negacionismo científico, diante de um cenário tão delicado de necropolítica e resistências.

A educação popular é indissociável das práticas coletivas e populares ou do próprio “movimento de educação popular” (Paludo, 2015) e possibilita considerar as condições de vida da população nas práticas educativas (Vasconcelos, 2017). Como menciona Paulo Freire:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes (Freire, 1996, p. 15).

Em sentido oposto à “política de morte” em curso, a educação popular promove redes de apoio social a partir do diálogo com as diferentes realidades e saberes das classes populares (Neves, 2020). Tais caminhos são fundamentais em um momento de intensificação da “necropolítica” (Mbembe, 2018) voltada contra os corpos daqueles que já sofriam com a precarização das suas vidas. Bueno, Souto e Matta (2021) demonstram como a pandemia intensifica as desigualdades sociais já existentes: as populações vulnerabilizadas são, comprovadamente, mais afetadas porque estão mais sujeitas à exposição ao vírus, à maior dificuldade de acesso a diagnósticos e tratamentos, além da dificuldade de acesso a habitações adequadas, condições dignas de trabalho, água e saneamento básico.

Muitas das medidas propagadas pelas autoridades políticas (algumas abertamente negacionistas) não consideravam os determinantes sociais e dirigiam-se para as camadas da elite da sociedade que podiam cumpri-las sem tantas dificuldades (Fleury; Menezes, 2021). Tal ponto traz desafios para o campo da educação popular em sua preocupação em dialogar com os saberes ancorados na cultura, no trabalho e na luta pela sobrevivência dos oprimidos (Stotz, 2005).

Outro ponto fundamental que tornou o cenário ainda mais delicado foi o crescimento do negacionismo, estimulado pela ascensão da extrema-direita e pela disseminação de notícias falsas. Neto *et al.* (2020) apontam a recorrência de alguns discursos que circularam nas redes sociais defendendo tratamentos não comprovados, que puderam ser acessados por meio de diversos veículos, principalmente na internet, provocando confusão, dúvidas e desconfianças com relação aos cuidados em saúde necessários para enfrentar a pandemia.

Já discutimos os fenômenos complexos envolvidos na popularização dos negacionismos, argumentando no sentido de evitar a “crise de interpretação” descrita pelo educador popular Valla (1996) na década de 1990⁷, que vemos ser reproduzida atualmente

⁷Segundo o autor, educadores em saúde, ao não priorizarem a vida dos sujeitos nas práticas educativas, não escutariam adequadamente as falas da população e não compreenderiam o modo como operam os saberes dela.

(Morel, 2021a). Ao atribuir o crescimento do negacionismo à “ignorância” da população, muitos educadores e profissionais de saúde ficam desconectados dos saberes e da realidade concreta das classes populares. Como consequência, acabam por retornar a um “positivismo estratégico⁸” baseado na defesa da ciência como único conhecimento válido, em detrimento de outros conhecimentos. Assim, argumentamos no mesmo sentido de Danowski (2020) acerca da importância de distinguir as posições envolvidas na onda negacionista: é preciso diferenciar os “negacionistas profissionais” que negam visando o lucro, a partir de um desejo de morte e extermínio, das vítimas do negacionismo que podem entrar em negação diante de uma realidade tão dura.

Já abordamos também novos questionamentos e desafios que o momento contemporâneo traz para o campo da educação popular (Morel, 2021b): Como questionar o cientificismo diante do crescimento do negacionismo? É possível defender a ciência sem deslegitimar os saberes populares? Essas são questões que nos fizeram mobilizar uma reconfiguração da crítica às ciências e às potencialidades da decolonização dos conhecimentos (Morel, 2021b).

Como continuidade dessas reflexões acumuladas acerca dos desafios da educação popular diante do crescimento do negacionismo, procuramos, neste artigo, sistematizar a *práxis* da educação popular e da pesquisa participante que foi realizada com graduandos da área da saúde, a fim de discutir estratégias de combate ao negacionismo científico que articulam extensão, ensino e pesquisa na relação entre universidade e movimentos sociais.

Assim, foram realizadas oficinas com estudos de caso, que buscavam apresentar aos educandos exemplos de situações adversas que foram vivenciadas durante uma pesquisa participante realizada pelo grupo de extensão popular da UFF. A ação se insere no contexto de um projeto de mestrado, defendido em abril de 2023. A articulação de tais iniciativas objetivou fortalecer pesquisas sobre o negacionismo científico, a partir do viés da educação popular em saúde na formação inicial em saúde.

⁸Tal expressão é utilizada por Latour (2014), recuperando o que as feministas chamam de “essencialismo estratégico”. O “positivismo estratégico” é acionado em situações “estratégicas” para dar um *status* incontestável às ciências na sua suposta separação diante das políticas.

Material e Métodos

Este trabalho possui um viés qualitativo, a partir da pesquisa participante realizada com os educandos, por meio dos estudos de caso idealizados para as ações educativas. A pesquisa participante é definida por Brandão e Borges (2008) como um momento da educação popular, em que a construção compartilhada de conhecimentos ocorre junto da formação de pessoas e coletivos motivados a transformar os cenários da vida em sociedade.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da UFF (CEP-UFF), sendo aprovada em 2022, com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 58829722.5.0000.8160 e parecer 5.461.978. Aos participantes foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As turmas que assinaram o TCLE e participaram das atividades foram as turmas dos semestres 2022.1 e 2022.2.

Assim, as atividades foram desenvolvidas durante o mestrado da autora, em conjunto com suas orientadoras. As oficinas foram realizadas em uma disciplina de educação em saúde (Fundamentos Didáticos - FD) da UFF, que está presente no currículo dos cursos de Nutrição e Biomedicina de forma obrigatória, sendo ofertada nos dois semestres. No contexto da disciplina, são trabalhados com os educandos de saúde os fundamentos e as práticas da educação popular como base para o desenvolvimento de um trabalho em saúde humanizado.

Além disso, este trabalho tem parceria com o projeto de extensão popular “Educação popular em saúde em tempos de negacionismo: formação e experiências comunitárias”, criado em 2021, devido ao cenário da pandemia de Covid-19, em parceria com o Pré-Vestibular Comunitário Machado de Assis, localizado no Morro da Providência. A extensão objetiva desenvolver ações pedagógicas, dentro da perspectiva da educação popular em saúde, que promovam a discussão acerca do negacionismo científico e de como enfrentar este fenômeno.

Os estudos de caso utilizados nas oficinas foram produzidos a partir da pesquisa participante realizada com o projeto de extensão, já que a extensão popular permite reconfigurar as questões do próprio ensino e da pesquisa, não sendo uma parte indissociada. Desse modo, é importante diferenciar as pesquisas realizadas: a pesquisa participante da extensão se refere a um questionário aplicado em 2021 com os moradores da Providência, enquanto a pesquisa participante do mestrado se refere à dinâmica dos estudos de caso realizada em sala de aula.

A relação entre essas pesquisas participantes se estabelece ao compartilharmos com os

educandos as concepções dos moradores expostas durante a pesquisa, e construirmos conhecimentos em conjunto sobre as problemáticas com as quais os pesquisadores se depararam durante a pesquisa na Providência. Assim, essas problemáticas se expressam em situações diversas relacionadas ao negacionismo, que inspiraram a criação de quatro estudos de caso.

Desta forma, os educandos foram convidados a pensar em estratégias de diálogo com os moradores em questão, na perspectiva da educação popular em saúde, de modo a se colocarem na posição de pesquisadores e de educadores. Importante frisar que foram criados quatro estudos de caso devido ao quantitativo de educandos da turma por semestre, que varia de 20 a 30 discentes, e a ideia seria trabalhar em grupos pequenos.

A construção dos estudos de caso objetivou apresentar as vozes dos diferentes atores do Morro da Providência, pensar a heterogeneidade dos saberes populares e as lógicas operatórias das classes populares em relação ao problema do negacionismo. Além disso, objetivou-se estimular que o educador em saúde crie estratégias que partam do diálogo com a população, não apenas com soluções prontas, mas construindo um saber coletivo e interdisciplinar. Os estudos de caso são uma ótima ferramenta para aproximar os discentes dos impasses e das problemáticas que eles poderão vivenciar em sua prática profissional futura (Queiroz; Cabral, 2016).

Dessa forma, foi planejada a realização de uma oficina com os discentes de FD das turmas de 2022.1 e 2022.2, na qual foram apresentados o projeto de extensão e os estudos de caso. Para a oficina, foi estimada 1 hora de duração, sendo 15 minutos para a parte inicial expositiva, 15 minutos para os educandos estudarem os casos em grupos e 30 minutos para o debate final. Por meio da oficina, pretendeu-se aproximar os educandos da extensão, de modo a expor o papel social fundamental dela na universidade, assim como os princípios que norteiam as ações da extensão popular. Além disso, pretendeu-se divulgar o grupo de extensão, as ações realizadas e os materiais produzidos, para que os educandos o conhecessem e pudessem, inclusive, participar das ações do projeto, caso houvesse interesse.

As duas oficinas realizadas foram presenciais, uma vez que em 2022 as aulas presenciais já tinham retornado. A oficina desenvolvida na turma de FD 2022.1 ocorreu no dia 14/06/2022, com 28 educandos, e a do semestre de 2022.2 ocorreu no dia 04/10/2022, com 23 educandos. Os debates que ocorreram no final, em relação aos estudos de caso, foram gravados para posteriormente serem transcritos e analisados. A análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo de Bardin (2016), no contexto da educação popular de Freire (1987), por meio da identificação dos temas geradores pela análise temática, a partir

das situações-limite detectadas durante as oficinas.

Para a coleta de dados foram utilizados registros da observação participante produzidos pela pesquisadora (Alves, 2004) e a gravação dos debates realizados nas oficinas, que foram transcritos posteriormente.

Resultados e Discussão

A utilização dos estudos de caso visou aproximar os graduandos da realidade da população, de forma que, mesmo sem terem ido ao território, pudessem posteriormente desenvolver ações educativas baseadas em experiências reais. A pesquisa participante do grupo de extensão foi realizada por meio de um questionário, que tinha o objetivo de mapear questões relacionadas ao negacionismo científico, a partir das concepções dos moradores da Providência. As situações vivenciadas que inspiraram a criação dos casos foram entendidas como situações-limite pelos pesquisadores, e elas mereciam um debate ampliado na formação inicial em saúde.

Assim, o primeiro estudo de caso reproduz um momento em que os pesquisadores se depararam com uma moradora que declarou não ter se vacinado contra a COVID-19, e que jamais se vacinaria. Na ocasião, alguns dos colegas dela estavam presentes e tentaram dialogar com ela. Seguindo adiante, o segundo estudo de caso retrata um diálogo com uma enfermeira da Unidade de Saúde da Família, que demonstrou desconfiança ao responder às perguntas. A enfermeira afirmou que se vacinou contra a COVID-19 e que utilizaria o kit covid caso ela ou algum familiar contraísse o vírus. Sua justificativa foi estar na linha de frente, vivenciando o sofrimento das pessoas, e que não mediria esforços para salvar a si ou aos seus parentes.

O terceiro estudo de caso retrata um estudante de uma escola estadual da região que declarou aos colegas que gostaria de se vacinar, mas que os pais não permitiam. Os colegas tentaram entender os motivos dos pais, argumentando que o estudante deveria conversar com eles, mas o educando acreditava ser impossível convencê-los. Por fim, o quarto e último estudo de caso contextualiza a criação dos gabinetes de crise no Morro da Providência, que ocorreu durante a pandemia de COVID-19, os quais apresentam diferentes vozes, de diferentes moradores, que expõem o que entendem como as principais questões de saúde na região. Algumas delas são: as dificuldades de se proteger do vírus, fila de espera do Sistema Único de Saúde (SUS) e a falta de água na região.

Durante o debate na turma de 2022.1, os educandos apresentaram algumas estratégias

para viabilizar o diálogo com a população, por meio da afetividade, da empatia e da promoção do diálogo entre os pares. Além disso, surgiram questões sobre a ciência, a forma que ela é vista pela sociedade, o próprio método científico e a importância da divulgação científica como uma ferramenta de combate ao negacionismo. Os educandos se mostraram bem engajados no debate e surpreenderam as pesquisadoras ao afirmarem que não utilizariam argumentos de autoridade com os moradores, bem como não levariam profissionais de saúde para palestrar acerca do assunto, por acreditarem que não seria o caminho ideal para promover o diálogo.

Já os discentes da turma de 2022.2 afirmaram que, a partir de experiências prévias de tentativas de debates com pessoas negacionistas, acreditavam ser impossível a promoção do diálogo, e muitos educandos dessa turma relataram a realização de diversas práticas de automedicação durante a pandemia, motivadas principalmente por parentes próximos. Além disso, ao contrário da turma anterior, muitos afirmaram que apresentar argumentos de autoridade e/ou promover palestras com profissionais de saúde seriam boas formas de convencer os moradores. Porém, no decorrer do debate, muitos mudaram de ideia, refletindo que não seriam as melhores opções para promover o diálogo, principalmente os educandos que relataram experiências prévias com negacionistas, nas quais apresentar dados científicos não surtiu o efeito desejado.

Assim, a pesquisadora realizou a análise das gravações das oficinas que foram transcritas e, a partir dessa análise, foi possível criar as unidades de registro (Bardin, 2016). Como unidade de registro, foram escolhidas algumas palavras e expressões, que foram selecionadas de acordo com os princípios da educação popular, de forma a atender o contexto da pesquisa. Assim, as categorias foram criadas de acordo com a seguinte regra estabelecida para este trabalho: foram incluídos os dados que remetem à educação popular e ao problema do negacionismo científico, e excluídos todos os dados que não se relacionam a essas temáticas.

Após a seleção das unidades de registro, foi utilizado o *site* Wordart para demonstração visual da frequência com que as principais palavras selecionadas apareceram durante as oficinas, como demonstra a Figura 1:

Figura 1 – Nuvem de palavras das unidades de registro das oficinas



Fonte: Gerado pela autora por meio do *site* Wordart.

Em uma nuvem de palavras, o tamanho das expressões está relacionado à quantidade de vezes em que aparecem. Para essa análise foram considerados, principalmente, substantivos e verbos citados, que consideramos representar, de fato, as ideias dos participantes. As palavras “entender”, “ouvir”, “explicar”, “diálogo” e “empatia” foram algumas das citadas com maior frequência durante as oficinas.

A partir das unidades de registro, foram definidas as seguintes subcategorias, como demonstrado no Quadro 1:

Quadro 1 – Distribuição de frequências e porcentagens das subcategorias secundárias das oficinas

Subcategorias primárias	Subcategorias secundárias	Conceitos norteadores	Frequência	Percentual
Menção às questões negacionistas	1- Educação popular e negacionismo: experiências e soluções	Questões acerca do negacionismo, como motivações dos negacionistas, relatos de experiências negacionistas e propostas para as soluções dos casos estudados	55	29%
Motivações/causas do negacionismo				
Relatos de experiências de automedicação				
Percepção da ciência pelos educandos em relação à academia e à população	2- Ciência em debate: percepções da academia	Reflexões sobre a ciência e o seu papel no combate ao negacionismo	26	13%
A distância da ciência para a população				
Área de conhecimento citada pelos educandos	3- Educação popular: princípios, práticas e desafios do campo	Nesta categoria, estão agrupadas as análises referentes à temática da educação popular	112	58%
Sugestões de práticas no				

contexto da educação popular		como princípio norteador para as ações dos educandos, bem como a presença da educação sanitária em suas falas		
Confusão da <i>práxis</i> da educação popular com a educação sanitária				
Total	3	-	193	100%

Fonte: os autores.

Para analisar os temas geradores que surgiram nas oficinas serão apresentadas as falas dos educandos e as reflexões acerca das temáticas. Por exemplo, a temática da automedicação foi levantada pelas pesquisadoras nos dois semestres, e o que foi observado foram relatos de automedicação realizada durante a pandemia pelos educandos da turma de 2022.2, que não surgiram na turma de 2022.1.

Desta forma, o grupo do estudo de caso 2 - Kit covid em questão, da turma de 2022.2, relatou que: “Eu tomei ivermectina quando peguei covid para acalmar minha mãe (...)” (E1). Após ter sido decretada quarentena em quase todo o mundo, a internet contribuiu para a disseminação de *fake news acerca de* tratamentos não comprovados cientificamente (Torres *et al.*, 2022). Para se ter uma dimensão da influência da internet na sociedade, no período de pandemia, apenas a venda de hidroxiquina passou de 963 mil em 2019 para 2 milhões de unidades em 2020, segundo dados obtidos pelo Conselho Federal de Farmácia e pelo portal de notícias G1 (Dantas, 2021). Além disso, a questão do kit covid não deve ser analisada apenas sob o viés da automedicação, uma vez que o kit foi prescrito por médicos e indicado em *sites* oficiais do governo.

Outrossim, os educandos relataram também alguns discursos negacionistas de pessoas conhecidas: “Minha irmã estagia no fórum. Aí a juíza não se vacinou. O argumento dela é que extraterrestres queriam invadir o planeta e usar da vacina para dominar o mundo, porque assim todos se vacinariam contra a Covid-19 (E2)”.

Houve uma discussão em sala acerca do motivo de a juíza ter esse posicionamento, já que de acordo com os educandos ela não seria “ignorante”. Assim, foi abordada pelas pesquisadoras a possibilidade de questões políticas e econômicas estarem por trás do discurso

da juíza. Nesse caso, o diálogo se torna ainda mais dificultoso, pois essas pessoas normalmente não estão abertas a debater sobre o assunto.

Esse relato demonstra como o negacionismo faz parte do cotidiano dos educandos antes mesmo de se tornarem profissionais de saúde, o que torna a aprendizagem significativa (Ausubel, 2003). Sobre isso, Ausubel, em sua *Teoria da aprendizagem significativa*, enfatiza a aprendizagem de significados como aquela mais relevante para seres humanos (Tavares, 2004).

Na apresentação do grupo que estudou o estudo de caso 1 - Vacina em debate (2022.2), surgiram situações em que os educandos tentaram convencer seus familiares por meio de “argumentos de autoridade” para se vacinarem, não obtendo sucesso. Assim, uma das alunas afirmou que:

Meu pai é negacionista e eu falei com ele que já estava pronta, tem uma receita de bolo e ele falou “não, foi muito rápido, é a esquerda, a Globo...”, mas o vídeo que aparecia do cara falando que “todas essas covas, são covas de pessoas que morreram pela vacina”, ele acreditava (...) (E3).

Uma questão bastante presente nas oficinas foi a da ignorância, se o negacionista era ou não ignorante. Acreditar que o negacionismo se resume à ignorância é um pensamento distante da educação popular. Assumimos, então, que esse fenômeno não pode ser reduzido a isso, pois de acordo com Valla (1996) a principal mudança de ótica que se deve ter ao trabalhar com as classes subalternas é a compreensão que se tem de como essas pessoas pensam e percebem o mundo. Ao afirmar que a crise de interpretação é nossa, Valla (1996) chama a atenção para a nossa dificuldade de compreender o que os membros dessas classes estão nos dizendo, pois ela está relacionada mais com nossa postura do que com questões linguísticas.

Sobre o uso da ciência como ferramenta de informação com os negacionistas, os educandos afirmaram ainda que:

Eu tentei de tudo, argumentos de ciência, empatia. Uma que funcionou foi a minha tia, porque eu mexi com o psicológico dela. Eu falei “tia, (...) se você pega essa coisa e você morre, eu e seus filhos vamos ficar pensando que não conseguimos te convencer a se vacinar, chorosos aqui porque quem vai ver seu enterro é a gente”. Aí ela se vacinou no dia seguinte (E4).

A amorosidade é um conceito primordial freireano, o qual também é um princípio da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS-SUS): é a ampliação do

diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa, pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas (Dias, 2022). Freire (1987) afirma que o ato de amor está em comprometer-se com a causa do oprimido, da libertação dele, e que esse compromisso, por ser amoroso, é dialógico.

Além disso, houve falas sobre formas de intervenção com a população. O grupo do estudo de caso 1 - Vacina em debate (2022.1) argumentou que tentaria mostrar empatia e compreender o ponto da moradora (E6), citando a questão da amorosidade e empatia como ato fundamental na *práxis* da educação popular. Porém, afirmam também que:

A gente pensou também em explicar que conforme a tecnologia avança, dentro dos laboratórios isso também avançaria. Da mesma forma que a *fake news* chega rápido para ela no WhatsApp, a ciência também tem evolução, as tecnologias nesse contexto têm melhorado e providenciado a vacina nessa velocidade (E7).

O grupo do semestre 2022.2 utilizou os mesmos argumentos como modo de intervenção, sem citar a questão do afeto. Morel (2021a) afirma que o negacionismo é um grande empecilho ao diálogo. Por isso, retomar a capacidade de escuta, fortalecer as redes de apoio social, dar sentido ao debate político e desfazer confusões, identificando as forças concretas envolvidas nesse fenômeno complexo, são caminhos importantes para a sua superação (Morel, 2021a).

Assim, o grupo do estudo de caso 2 - Kit covid em questão (2022.1) alegou que:

A gente tentaria conversar com ela, deixaria, né, que ela falasse, porque ela acredita e tudo mais, e, no final, o que a gente poderia fazer era falar “não, tudo bem, eu entendo os seus pontos. Mas você se importa de saber porque eu acredito em outras coisas?” Mediando com uma entonação mais amigável (E8).

Os educandos ressaltaram um ponto importante na prática da educação popular em saúde que é a promoção do diálogo, de ouvir o outro, entender os sentimentos e as concepções dele, e não simplesmente impor argumentos considerados “de autoridade”. A turma de 2022.2 apresentou o mesmo argumento, de promoção do diálogo. A respeito disso, Nespoli *et al.* (2020) discutem como os profissionais de saúde não se preocupam em estabelecer um diálogo e o reconhecimento dos saberes populares, fundamentais para o cuidado.

O grupo do estudo de caso 3 - Pais que não vacinam seus filhos (2022.1) fez uma

proposta próxima da educação popular, propondo-se a intervir por meio de debates, sem convidar profissionais para a discussão. Porém, o mesmo grupo do semestre 2022.2 fez uma proposta totalmente oposta ao modelo que está sendo observado na maioria dos grupos:

A gente estava pensando em perguntar ao Lucas o porquê dos pais dele pensarem dessa forma. Então, quais as fontes de informação que ele procura e, assim, a nível da escola, tentar fazer uma reunião de pais e responsáveis, elucidando a importância da vacinação e desmontando essas *fake news* com esses pais, e também perguntar ao Lucas se existiria um outro responsável legal que pudesse levá-lo a um posto de vacinação (E9).

A questão que os estudantes levantaram ao propor que outro responsável levasse a criança para se vacinar foi ressaltada pelas autoras por ser uma iniciativa muito delicada, principalmente no âmbito escolar. Como educadores devemos construir o conhecimento com os educandos, nunca por meio de imposição dos nossos princípios.

Por fim, no estudo de caso 4 - Atividades em educação em saúde no contexto das favelas, os educandos eram convidados a pensar possíveis soluções para diversas problemáticas descritas, e nas duas turmas, os grupos propuseram soluções específicas para cada problema apresentado pelo morador.

Foi debatida a questão da ausência do poder público nessas regiões, que muitas vezes não têm acesso à infraestrutura básica devido ao descaso do governo. Assim, frequentemente, os próprios moradores criam estratégias para resolverem seus problemas coletivos. Isso demonstra, como mencionado por Valla (1996), a importância de se compreender como as classes subalternas pensam e percebem o mundo.

Ademais, uma grande parte dos educandos afirmou ser impossível dialogar com um negacionista, a partir de experiências prévias: “É muito difícil você conseguir conversar com as pessoas, porque elas simplesmente não acreditam em nada que você fala (E10)”. Outros educandos debateram sobre a possibilidade de os moradores não terem acesso à informação “de confiança”, além de propagarem notícias falsas: “Ela já estava com uma ideia pré-formada sobre a vacina por uma questão do entorno, né. Provavelmente ela não tinha acesso ao conhecimento de confiança, né? E se deixou levar pelas *fake news* (E11)”.

Por fim, outro estudante concluiu que “é o caso de que tem gente que escolhe ser ignorante, e tem gente que não tem acesso à informação (E12)”. Essa visão evidencia a problemática do distanciamento do educando, em sua formação inicial, do público com o qual atuará futuramente. Segundo Morel (2021a), desconectados da realidade vivida pelas classes populares, esses educadores e profissionais de saúde têm dificuldade para compreender o

fenômeno da popularização do negacionismo a partir do falar e fazer dos seus interlocutores.

Outro ponto importante abordado pelos educandos foi o de que “uma característica muito forte do negacionismo é quando a pessoa acredita, porque para ela aquilo é uma afirmação de algo que ela já acredita, nas suas próprias opiniões (E13)”. Nessa definição apresentada pelos discentes, enquadram-se os diversos casos de interesses políticos e econômicos que foram possíveis observar durante a pandemia, como políticos que eram contra o isolamento social e indivíduos que defendiam a eficácia do kit covid para lucrarem com isso.

Durante as oficinas, os educandos refletiram acerca do papel da ciência, dentro de todo esse contexto, e como a enxergam. Uma fala que aconteceu durante a oficina dos estudos de caso na turma 2022.1 nos chamou muita atenção por ser totalmente inusitada para os pesquisadores:

Uma coisa que a gente se questionou foi se alguém chegasse e falasse sobre essa questão de que não conhecesse nenhum cientista, a gente não teria como rebater, porque até para a gente que está dentro da universidade, ter conhecimento de um cientista (...) é um pouco complicado. A gente não tem esse acesso tão facilitado. (...) Eu não sei o que ele faz, porque eu vou ter que aceitar o que ele faz? (...) (E14).

A fala dos educandos surpreendeu as pesquisadoras por eles estarem inseridos no meio acadêmico, e como são estudantes que estão na metade do curso, tiveram disciplinas ministradas por diversos pesquisadores, inclusive a professora responsável pela disciplina. A fala promoveu uma reflexão sobre qual visão da ciência esses educandos possuem e como a população poderia confiar nas vacinas e nos tratamentos prescritos se nem os graduandos se enxergavam próximos da ciência. A questão da divulgação científica foi algo que tomou ainda mais notoriedade com o surgimento da pandemia, reforçando o papel social da universidade e o compromisso dela de facilitar o acesso ao conhecimento produzido na academia.

Assim, pode-se afirmar que a dificuldade de comunicação da ciência com a população configura uma situação-limite. De acordo com Freire (1987), situações-limite são barreiras e obstáculos que precisam ser vencidos na vida pessoal e social de mulheres e homens. A superação das situações-limite ocorre por meio de atos-limite, que são compreendidos como respostas necessárias que se dirigem à superação e à negação do dado com uma postura decidida frente ao mundo (Paro; Ventura; Silva, 2020).

Nesse contexto, durante a dinâmica das oficinas, alguns grupos iniciaram o seu

discurso alegando ser impossível, em muitos casos, dialogar com um negacionista, de forma a estabelecer uma situação-limite. Porém, após o debate realizado com a turma, muitos chegaram à conclusão de que estratégias como a amorosidade, o afeto e o diálogo podem ser caminhos que viabilizem o diálogo com o diferente e a construção coletiva do saber. Alguns grupos também abandonaram a ideia de que argumentos científicos e/ou o contato com profissionais seriam métodos eficientes para convencer o indivíduo nas questões propostas.

Os resultados deste trabalho evidenciaram a importância de promover a discussão acerca do problema do negacionismo científico e de estimular os educandos a pensarem em estratégias de combate, no contexto da educação popular em saúde. Em consonância, Flisch *et al.* (2014) analisaram as percepções e as experiências em educação em saúde de profissionais de equipes de saúde da família. Os autores constataram a necessidade de processos de formação contínua para os profissionais, sendo reconhecida pelos próprios participantes a necessidade de ampliação dos seus conhecimentos sobre educação popular em saúde.

Faz-se necessário, então, romper com os esquemas verticais, de forma a superar a contradição educador-educando (Freire, 1987), o que não é possível sem o diálogo. A extensão universitária é um caminho para mitigar essa contradição, o que ressalta a importância da articulação desta pesquisa ao projeto de extensão da UFF. Essa integração possibilita a interação entre a sociedade e a universidade, de forma a criar estratégias conjuntas de diálogo entre os pesquisadores e os educandos, a partir de situações reais vivenciadas pelas classes populares, que promovam um diálogo efetivo e democrático.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos investigar e experimentar atualizações de práticas de educação popular em um contexto extremamente delicado: o da popularização dos negacionismos. Esse momento evidenciou ainda mais a urgência de aprofundar os diálogos entre os saberes científicos e populares, uma preocupação fundamental da educação popular. Retomando Freire (2013), entendemos que estes diálogos se fundam nas palavras verdadeiras contra aqueles que querem roubar a pronúncia do mundo, a quem também poderíamos chamar, no contexto atual, de negacionistas. Buscando incentivar diálogos autênticos que articulam ação e reflexão, desenvolvemos ações no âmbito da formação inicial em saúde que tecem uma conexão com a extensão universitária, a partir da concepção da educação popular, como uma forma de aproximar os futuros profissionais de saúde das diferentes realidades sociais, tornando suas práticas mais humanizadas.

Dessa forma, foi possível perceber que o desenvolvimento de práticas que fortaleçam a articulação entre ensino, pesquisa e extensão viabiliza a construção de uma ação universitária preocupada com a formação de sujeitos críticos. Assim, a atividade de pesquisa problematiza situações-limites trazidas pelo advento dos negacionismos e cria, de maneira compartilhada, inéditos-viáveis. Neste sentido, as pesquisadoras-educadoras e os educandos pensaram além da crise de interpretação anunciada por Valla (1996), em relação ao problema do negacionismo, refletindo acerca dos fenômenos complexos imbricados na popularização dos negacionismos, problematizando também as condições de vida das classes populares.

As oficinas realizadas em sala de aula foram extremamente ricas para todos os envolvidos, nas quais os educandos foram desafiados a pensar em propostas educativas voltadas para um público-alvo específico, e não em um contexto genérico e abstrato que desconsidera as condições de vida da população. Diversos temas geradores surgiram ao longo dos debates, os quais foram de suma importância para atender aos objetivos desta pesquisa. Assim, as ações estimularam os discentes a refletir acerca da própria prática e viabilizaram espaços de discussão e construção coletiva do saber, trazendo respostas para algumas discussões, mas deixando diversos questionamentos que poderão abrir novos caminhos.

É demonstrada na literatura a dificuldade que muitos podem ter em adotar o pensamento da educação popular, de forma a fugir da concepção bancária da educação, da mera transmissão de conhecimentos ou de mudanças de hábitos individuais. Assim, mesmo com as contradições no discurso dos educandos sobre a prática da educação popular, foi possível perceber o envolvimento deles nas ações e as transformações ocorridas no processo formativo. Uma característica importante das atividades foi a de aproximar os educandos das realidades sociais, por meio dos estudos de caso, que reproduzem situações vivenciadas durante a pesquisa participante do projeto de extensão.

Sabe-se que ainda há muitos caminhos a trilhar para que a educação popular esteja realmente inserida na prática profissional futura desses educandos. Assim, ressalta-se a importância do desenvolvimento dessas ações no âmbito da formação inicial dos profissionais de saúde, de forma transversal no currículo, para preencher as lacunas geradas pelo cenário higienista e vertical da saúde, muito presente ainda nos cursos de graduação e que se estende à prática profissional.

Referências

- ALVES, F. C. Diário - um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo de seus dilemas. **Millenium Revista on-line**, [s. l.], n. 29, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/578>. Acesso em: 27 mar. 2022.
- AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Editora Plátano, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2008. DOI 10.14393/REP-2007-19988. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>. Acesso em: 27 mar. 2022.
- BUENO, F. T. C.; SOUTO, E. P.; MATTA, G. C. Notas sobre a trajetória da covid-19 no Brasil. In: MATTA, G. C.; REGO, S.; SOUTO, E. P.; SEGATA, J. **Os impactos sociais da covid-19 no Brasil**: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. Rio de Janeiro: Observatório Covid-19; Editora FIOCRUZ, 2021. p. 27-39.
- CRUZ, P. J. S. C. *et al.* Extensão popular: bases teórico-metodológicas. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 29, n. 2, p. 69-85, 2021. DOI 10.17058/rea.v29i2.16028. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/16028>. Acesso em: 17 dez. 2022.
- DANOWSKI, D. “Não tem mais mundo pra todo mundo”, diz Deborah Danowski. [Entrevista cedida a] A. Amaral. **A Pública**, [s. l.], 5 jun. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/nao-tem-mais-mundo-pra-todo-mundo-diz-deborah-danowski/>. Acesso em: 2 maio 2022.
- DANTAS, C. Venda de remédios sem eficácia comprovada contra a Covid dispara. **G1**, São Paulo, 4 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/02/04/venda-de-remedios-sem-eficacia-comprovada-contra-a-covid-dispara.ghtml>. Acesso em: 17 dez. 2022.
- DIAS, J. V. S. **Educação popular e saúde mental**: possíveis diálogos. 2022. 233 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/54925>. Acesso em: 17 dez. 2022.
- FLEURY, S.; MENEZES, P. Pandemia nas favelas: entre carências e potências. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 44, p. 267-280, 2021. Disponível em: <https://revista.saudeemdebate.org.br/sed/article/view/4347>. Acesso em: 17 dez. 2022.
- FLISCH, T. M. P. *et al.* Como os profissionais da atenção primária percebem e desenvolvem a educação popular em saúde? **Interface**, Botucatu, v. 18, 2014. DOI 10.1590/1807-57622013.0344. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/zkb4dn5RRtrRnDJZ84mPngG/?lang=pt>. Acesso em: 17 dez. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LATOURETTE, B. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 57, n. 1, 2014. DOI 10.11606/2179-0892.ra.2014.87702. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/87702>. Acesso em: 17 dez. 2022.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1, 2018.

MOREL, A. P. M. Educação popular em saúde e descolonização em tempos de negacionismo. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 29, n. 2, p. 41-56, 2021b. DOI 10.17058/rea.v29i2.16008. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/16008>. Acesso em: 17 dez. 2022.

MOREL, A. P. M. Negacionismo da covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, 2021a. DOI 10.1590/1981-7746-sol00315. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/pnVbDRJBcdHy5K6NSc4X65f/?lang=pt>. Acesso em: 17 dez. 2022.

NESPOLI, G. *et al.* Por uma pedagogia do cuidado: reflexões e apontamentos com base na Educação Popular em Saúde. **Interface**, Botucatu, v. 24, 2020. DOI 10.1590/interface.200149. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/4nVswHGv89zjFksXdRVxgzF/?lang=pt>. Acesso em: 17 dez. 2022.

NETO, M. *et al.* Fake news no cenário da pandemia de covid-19. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, 2020. DOI 10.5380/ce.v25i0.72627. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/72627>. Acesso em: 17 dez. 2022.

NEVES, J. 'A educação popular é importante porque reconhece as condições de vida, atua a partir da realidade, promove e organiza redes de apoio social que, neste momento, são fundamentais'. [Entrevista cedida a] Grasielle Nespoli. **EPSJV/Fiocruz**, Rio de Janeiro, 1 jun. 2020. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/a-educacao-popular-e-importante-porque-reconhece-condicoes-de-vida-atua-a-partir>. Acesso em: 27 mar. 2022.

OLIVEIRA, R. G. *et al.* Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 9, 2020. DOI 10.1590/0102-311X00150120. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/QvQqmGfwsLTFzVqBfRbkNRs/>. Acesso em: 17 dez. 2022.

PALUDO, C. Educação popular como resistência e emancipação humana. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, 2015. DOI 10.1590/CC0101-32622015723770. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/CK6NyrM6BhKXbMmhjrmB3jP/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

PARO, C. A.; VENTURA, M.; SILVA, N. E. K. Paulo Freire e o inédito viável: esperança, utopia e transformação na saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 2020. DOI 10.1590/1981-7746-sol00227. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/tQFP797gDF8Yc4fLX4fzk3c/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

QUEIROZ, S. L.; CABRAL, P. F. O. (org.). **Estudos de caso no ensino de ciências naturais**. São Paulo: Art Point Gráfica e Editora, 2016.

RIOS, D. R. S.; CAPUTO, M. C. Para além da formação tradicional em saúde: experiência de educação popular em saúde na formação médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 43, n. 3, p. 184-195, 2019. DOI 10.1590/1981-52712015v43n3RB20180199. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/VyxrxWd8fvqsxR8RVbKgmh/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

STOTZ, E. N.; DAVID, H. M. S. L.; WONG-UN, J. A. Educação popular e saúde: trajetória, expressões e desafios de um movimento social. **Revista APS**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 49-60, 2005.

TAVARES, R. Aprendizagem significativa. **Revista Conceitos**, João Pessoa, v. 55, n. 10, 2004. Disponível em: https://cmapspublic3.ihmc.us/rid=1237415764640_1647465121_8863/AprendizagemSignificativaConceitos.pdf. Acesso em: 22 dez. 2022.

TORRES, G. B. L. *et al.* Os riscos da automedicação de hidroxicloroquina e ivermectina como tratamento da covid-19 no período pandêmico: revisão de literatura. **E-Acadêmica**, Vargem Grande Paulista, v. 3, n. 2, 2022. DOI 10.52076/eacad-v3i2.208. Disponível em: <https://eacademica.org/eacademica/article/view/208>. Acesso em: 22 dez. 2022.

VALLA, V. V. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71626>. Acesso em: 22 dez. 2022.

VASCONCELOS, E. M. Redefinindo as práticas de saúde a partir da educação popular nos serviços de saúde. *In*: VASCONCELOS, E. M. **A saúde nas palavras e nos gestos**. São Paulo: Hucitec, 2017. p. 19-33.

Submetido em 15 de maio de 2023.

Aprovado em 19 de setembro de 2023.